



**Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Centro de Ciências Sociais Aplicadas – CCSA
Departamento de Serviço Social – DSS**

JULIANA DA SILVA GOMES

**O PERFIL DOS/AS ALUNOS/AS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
(EJA) NA ESCOLA MUNICIPAL AMARO DA COSTA BARROS NO
MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE – PB.**

**Campina Grande - PB
Outubro/2014**

JULIANA DA SILVA GOMES

**O PERFIL DOS/AS ALUNOS/AS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
(EJA) NA ESCOLA MUNICIPAL AMARO DA COSTA BARROS NO
MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE – PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba, como pré-requisito essencial para
obtenção do título de Bacharel em Serviço
Social.

Orientadora: Prof^ª. Célia de Castro

Campina Grande – PB

Outubro/2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G633p Gomes, Juliana da Silva
O perfil dos/as alunos/as da educação de jovens e adultos (EJA) na Escola Municipal Amaro da Costa Barros no município de Campina Grande – PB. [manuscrito] / Juliana da Silva Gomes. - 2014.
24 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Célia de Castro, Departamento de Serviço Social".

1. Educação. 2. Jovens e adultos. 3. Perfil I. Título.
21. ed. CDD 374

**O Perfil dos/as Alunos/as da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na
Escola Municipal Amaro da Costa Barros no Município de Campina
Grande – PB.**

Aprovada em 10 de outubro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Célia de Castro

Célia de Castro

Mestre em Sociologia

Orientadora

Thereza Karla de Souza Melo

Thereza Karla de Souza Melo

Mestre em Serviço Social

Examinadora

Maria do Socorro Pontes de Souza

Maria do Socorro Pontes de Souza

Mestre em Serviço Social

Examinadora

Campina Grande – PB

Outubro/2014

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo que sou e que tenho vivido.

Aos meus pais, Ana Maria e José Maria, por tanto esforço e incentivo nessa fase da minha vida.

Aos demais familiares por todo o incentivo e paciência comigo.

Aos amigos e colegas de sala de aula que, durante os apertos acadêmicos, tanto me fizeram sorrir e desfrutar de bons momentos.

A todos os professores que desempenharam com dedicação seus papéis de verdadeiros mestres. Por toda minha vida levarei os diálogos, ensinamentos e conselhos, que além das salas de aula, foram fundamentais em minha vida.

A minha supervisora de campo, Maria José, que contribuiu grandemente na minha formação acadêmica, também toda equipe (funcionários e alunos) da Escola Amaro da Costa Barros, pelas inúmeras lições aprendidas durante o período de estágio.

À professora Célia Castro, querida orientadora, portadora de toda paciência, dedicação e conhecimento, sem os quais seria inviável a conclusão deste trabalho.

Às professoras Thereza Karla e Socorro Pontes, pela disponibilidade para participar da banca da avaliação.

Enfim, meu sincero agradecimento a todos que contribuíram para minha formação pessoal e acadêmica, direta ou indiretamente, quer criticando, quer incentivando. Todas as energias foram aproveitadas para percorrer essa longa caminhada. Obrigada!

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO	7
2.1 FALANDO SOBRE A LDB	10
3 AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM	12
4 RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	14
4.1 CARACTERIZAÇÃO E TRAJETÓRIA NO CAMPO DE ESTÁGIO.....	14
4.2 PERFIL DOS ALUNOS	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
6 REFERÊNCIAS.....	23

**O Perfil dos/as Alunos/as da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na
Escola Municipal Amaro da Costa Barros no Município de Campina
Grande – PB.**

Juliana da Silva Gomes¹

RESUMO

Este trabalho é resultado da pesquisa realizada no decorrer do estágio supervisionado em Serviço Social na Escola Municipal Amaro da Costa Barros em Campina Grande – PB, no período de junho a dezembro de 2013. A pesquisa foi do tipo quantiquantitativa cujo objetivo foi traçar o perfil dos alunos/as da EJA. OS sujeitos da pesquisa foram 25 alunos/as, ou seja, uma amostra de 32, 89% de um universo de 76 alunos/asda EJA de 1º e 2º ciclos. A coleta de dados foi realizada através de leitura bibliográfica, observação participante, diário de campo, questionário com perguntas abertas para traçar o perfil, os quais foram tabulados e analisados. De forma geral, os resultados do estudo apontou que os jovens e adultos entrevistados fazem parte da classe menos favorecida, assim tiveram que abandonar os estudos por vários fatores de ordem cultural, econômica e social.

Palavras- chave: Educação. Jovens e adultos. Perfil.

ABSTRACT

This work is the result of research conducted during the supervised training in Social Work at the Municipal School Amaro da Costa Barros in Campina Grande - PB, in the period June-December 2013. The research was Quantiquantitative type whose goal was to establish a profile of students / the EJA. OS subjects were 25 students / as, thus, a sample of 32, 89% of a population of 76 students / EJA of the 1st and 2nd cycles. Data collection was conducted through literature reading, participant observation, field diary, questionnaire with open questions to profile, which were tabulated and analyzed. Overall, the study results indicated that young adults interviewed and are part of the less favored class, so had to drop out for various factors of cultural, economic and social order.

¹Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de Educação que tem gerado muitas discussões nos últimos tempos entre diversos educadores e pesquisadores. A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – LDB, Lei nº 9394 de 1996, que configura a EJA como uma modalidade da Educação Básica nas etapas do ensino fundamental e médio, ainda não foi o suficiente para assegurar aos jovens e adultos uma educação atendendo às suas especificidades.

Desse modo, ao conviver com alunos da EJA na Escola Amaro da Costa Barros, desenvolvemos ações que proporcionaram momentos alegres de participação, de produção a fim que desempenhassem papéis que melhorassem seus relacionamentos e se sentissem mais participantes e motivados a estudar.

Percebemos que para alguns a escola é um refúgio, pois a educação não pode ser vista ou aplicada como uma experiência fria, sem alma em que os sentimentos e as emoções e sonhos sejam reprimidos por uma forma de pensar e agir meramente racionalista. O sonho de voltar a estudar vira realidade quando retornam aos estudos, uma relação direta entre a escola e a autoestima.

É necessário que haja a compreensão que alunos de EJA vivenciam problemas como preconceito, vergonha, discriminação e críticas, que são vivenciadas tanto no cotidiano familiar como na vida em comunidade, prejudicando suas vontades e seus estímulos relacionados aos estudos. Para resgatar e reconstruir a autoestima do aluno da EJA é importante que este seja incentivado (família, amigos e a própria escola) para que o mesmo tenha interesse em aprender, traçar objetivos positivos para sua vida e conquistá-los, demonstrando amor por esses alunos e interesse em ajudar no resgate e na realização, ainda que seja alguém responsável pelos seus atos, como é o caso do aluno da EJA. A mesma importância se dá à participação dos profissionais da educação que, ainda que tenham difíceis condições de trabalho, precisam, também, ser conscientes quanto a responsabilidade de ensinar, que uma

autoestima bem trabalhada para oferecerem uma aprendizagem prazerosa através da afetividade, do respeito mútuo, e uma metodologia voltada para os interesses do aluno adulto, o que demonstra interesse e respeito por suas ideias.

Este artigo objetiva apresentar nossa experiência de estágio e a pesquisa realizada com alunos da Educação de Jovens e Adultos da Escpa Municipal Amaro da Costa Barros, cujo objetivo foi traçar o perfil dos alunos/as da EJA. Os sujeitos da pesquisa foram 25 alunos/as, ou seja, uma amostra de 32, 89% de um universo de 76 alunos/as da EJA de 1º e 2º ciclos.

Essa pesquisa se justifica, pois, pela necessidade de se entender coquem são os alunos da EJA, pois são sujeitos são de faixa etária bem mista, de costumes diferentes e grupos sociais diferentes, o que exigiu conhecermos a realidade social no qual estão inseridos.

A metodologia utilizada para esta pesquisa foi quanti-qualitativa. . A coleta de dados foi realizada através de leitura bibliográfica, observação participante, diário de campo, questionário com perguntas abertas para traçar o perfil, os quais foram tabulados e analisados.

Com essa pesquisa percebemos que a sociedade brasileira não oferece oportunidades iguais para todos os cidadãos, pois muitas pessoas não estudam porque precisam trabalhar para sobreviverem.

2A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO

Para compreender melhor o contexto em que a EJA se apresenta alguns fatos da história da Educação de adultos precisam ser pontuados. Parte das ações neste campo restringe-se aos processos de alfabetização da população visando dar conta das demandas internas, enquanto perspectivas voltadas ao desenvolvimento, mas também das exigências externas instituídas por uma política internacional.

A preocupação com os adultos não escolarizados já vem de longa data e se reporta ao início da colonização portuguesa no Brasil, quando os índios, os

primeiros habitantes do Brasil até então, eram doutrinados, muito mais para a religião do que educados para outros tipos de conhecimentos e posteriormente os escravos negros com o ensinamento da língua para que seguissem e respeitassem as ordens vinculadas ao trabalho que estavam desempenhando para os colonizadores.

De acordo com Soares (2002), a partir de 1930, surgem as primeiras iniciativas sistemáticas com relação à educação de jovens e adultos, momento em que o ensino público primário, gratuito e obrigatório, se torna direito de todos. A educação de Adultos ganha destaque em 1945, ano que marca o fim da ditadura do Estado Novo. Em 1947, é lançada a Campanha de Educação de Jovens e Adultos, dirigida principalmente para o meio rural. Os resultados obtidos foram animadores no início, mas não se mantiveram nas décadas seguintes, mesmo com a ampliação do projeto, que em 1952 foi substituído pela Campanha Nacional da Educação Rural. Diante de resultados não satisfatórios, a campanha foi extinta em 1963. Após isso surge uma nova referência na educação de adultos: Paulo Freire, que defendia uma educação participativa e colaborativa que evidenciasse uma educação voltada para o social.

Com a Pedagogia de Paulo Freire, que nasce nesse clima de mudanças no início dos anos 1960, a Educação Popular é articulada à ação política junto aos grupos populares, intelectuais, estudantes, pessoas ligadas à Igreja Católica e à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Em 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização. Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político (FREIRE, 1989, p. 30).

Assim, Freire propõe uma alfabetização de adultos que considera as experiências de vida dos educandos e os respeita como sujeitos de sua própria aprendizagem. Ainda que os processos metodológicos transcendam as técnicas e centrem-se em elementos de conscientização. O desafio proposto

por ele era conceber a alfabetização de adultos para além da aquisição e produção de conhecimentos cognitivos, mesmo sendo estes necessários e imprescindíveis. Porém, em 1964, no Brasil, essas idéias foram derrubadas pelo golpe militar e esse modelo de educação foi rapidamente reprimido, pois “ameaçava a ordem”. Em substituição a ele surge o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que tinha como objetivo não só a erradicação do analfabetismo, como também se tratava de um projeto de educação continuada, tendo em vista a grave situação do analfabetismo no país. Ele foi criado através da Lei nº 5.379/67.

Esta lei atribuía ao Ministério da Educação a tarefa da alfabetização funcional e educação continuada dos adultos, como prioritária entre as demais atividades educativas, a ser realizada através da nova Fundação cuja presidência caberia ao diretor do DNE. Ao MOBRAL incumbiria promover a educação dos adultos analfabetos financiando 1/3 do seu custo; cooperar com movimentos isolados de iniciativa privada; financiar e orientar tecnicamente cursos de 9 meses para analfabetos entre 15 e 30 anos, com prioridade oferecida aos municípios com maiores possibilidades de desenvolvimento sócio-econômico. (PAIVA, 1987 p. 293)

O trabalho pedagógico no MOBRAL não tinha um caráter crítico e problematizador, sua orientação, supervisão e produção de materiais, era todo centralizado. Assim, este programa criou analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que muitas vezes aprenderam somente a assinar o nome, e que não apresentam condições de participar de atividades de leitura e escrita no contexto social em que vivem. Embora esse movimento utilizasse uma série de procedimentos semelhantes ao que Freire usou, como, por exemplo, as palavras geradoras que eram totalmente esvaziadas de uma perspectiva crítica. Além disso, havia a uniformização de todo material utilizado no território nacional. Não exigia frequência e a avaliação era feita em dois módulos: uma ao final do módulo e outra pelo sistema de educação. Foi mais uma campanha de âmbito nacional, que conclamava a população a fazer a sua parte.

O fato de os jovens inserirem-se cada vez mais cedo no mundo do trabalho, dificultando sua ida à escola no período diurno, fez com que houvesse um aumento na demanda pelo ensino de pessoas com idade entre 15 e 18

anos. Assim, na década de 1980 a educação de adultos se ampliou para educação de jovens e adultos. A partir desta década o MOBREAL, sem crédito nos meios políticos e educacionais, foi perdendo suas características de conservadorismo e de assistencialismo até ser extinto em 1985, sem erradicar o analfabetismo. Nos seus últimos anos, foi criada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar, entre outras coisas, os falsos índices de analfabetismo. Em 1985 foi criada a Fundação Educar.

O Mobral foi substituído pela Fundação Educar, agora dentro das competências do MEC e com finalidades específicas de alfabetização. Esta Fundação não executa diretamente os programas, mas atuava via apoio financeiro e técnico às ações de outro nível de governo, de organizações não-governamentais e empresas (SOARES, 2002, p. 105).

Em 1988, foi promulgada a nova Constituição Federal, que estendeu o direito à educação aos que ainda não haviam frequentado ou concluído o ensino fundamental. A partir daí os municípios iniciam ou ampliam a oferta de educação de jovens e adultos. A Educação Básica para jovens e adultos chega aos anos 1990 com um grande desafio pedagógico: garantir a entrada e permanência dessa parcela marginalizada no mundo da cultura letrada. Assim, até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9394/96, a EJA era tratada como ensino supletivo e tinha como principal objetivo a recuperação dos estudos. Nessa lei a nomenclatura Ensino Supletivo passa para EJA, não trata da questão do analfabetismo, reduz a idade para realização dos exames em relação à Lei 5692/71. Mas em 1996, uma emenda à Constituição suprimiu a obrigatoriedade do Ensino Fundamental aos jovens e adultos, mantendo apenas a garantia de sua oferta gratuita.

2. 1 FALANDO SOBRE A LDB

A LDB - Lei de Diretrizes e Bases – Lei nº 9.394 foi promulgada em 20 de dezembro de 1996. Desde então, ela vem abrangendo os mais diversos tipos de educação: educação infantil (agora sendo obrigatória para crianças a partir de quatro anos); ensino fundamental; ensino médio (estendendo-se para os jovens até os 17 anos). Além de outras modalidades do ensino, como a

educação especial, indígena, no campo e ensino a distância, tornando a educação muito mais humana e formativa. Mesmo porque o sistema educacional envolve a família, as relações humanas, sociais e culturais.

Através da LDB encontramos os princípios gerais da educação, bem como as finalidades, os recursos financeiros, a formação e diretrizes para a carreira dos profissionais da educação. Além disso, essa é uma lei que se renova a cada período, cabendo à Câmara dos Deputados atualizá-la conforme o contexto em que se encontra a nossa sociedade.

Desde sua promulgação, ocorreram inúmeras atualizações na LDB. A última atualização ocorreu, por meio da lei 12.796, de 4 de abril de 2013. Essas alterações visam melhorias para a educação, sempre primando pelo direito universal à educação para todos. Uma das mudanças foi com relação à Educação Infantil, pois, com a nova LDB, os pais são obrigados a matricularem na escola, crianças com 4 anos. E a partir de 2016, os pais que desobedecerem aos novos parâmetros da LDB, poderão ser punidos com multa ou detenção de 15 dias. Outra mudança bastante significativa é quanto ao currículo da educação infantil. Este deve seguir a mesma base em todo o país, respeitando a diversidade cultural de cada região. Além disso, o educador deverá acompanhar e avaliar o desenvolvimento das crianças, mas sem o objetivo de aprová-las ou reprová-las. Para a União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação, tais mudanças representam a democratização do ensino no Brasil.

Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a EJA ganhou força e tornou-se uma política de Estado, de modo que hoje o governo brasileiro investe e incentiva essa modalidade educacional como possibilidade de elevar o índice de ensino da população, principalmente daqueles já mencionados que não tiveram acesso ou possibilidade de estudos. Com isso vemos que além de ser uma política educacional, a EJA é principalmente uma política social. Ela dará condições para que os alunos melhorem suas condições de trabalho, melhorem a sua qualidade de vida e com isso sejam respeitados na sociedade.

O analfabeto aprende criticamente a necessidade de aprender a ler e escrever. Prepara-se para ser o agente desta aprendizagem. E consegue fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais que simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Implica não em uma memorização mecânica das sentenças, das palavras, das sílabas, desvinculadas de um universo existencial... (FREIRE, 1983, p.71).

Cabe ao governo, de acordo com o parágrafo segundo do artigo 37 da referida lei, estimular o acesso da população a essa modalidade educacional e oferecer condições de funcionamento dignas para que sejam de fato efetivados os seus objetivos que são os de inclusão social e melhoria da qualidade de vida pessoal e profissional dos educandos.

Além da oferta do ensino fundamental e médio, também é possível a integração da EJA aos cursos da Educação Profissional, possibilitando assim ao aluno, além de alcançar o nível de ensino que ele deseja (fundamental ou médio), uma qualificação profissional para atuar no mercado de trabalho.

A partir de 2001, foi implantado o Projeto de Escolarização de Jovens e Adultos, cuja responsabilidade foi repassada aos municípios, havendo a possibilidade de se receber recursos do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE), uma vez que o número de alunos de EJA regularmente matriculados passou a constar no Censo Escolar. Visando à inclusão educacional, o Governo Federal, lança em 2003, o programa Brasil Alfabetizado, com a missão de aumentar a escolarização de jovens e adultos e abolir o analfabetismo no Brasil. O programa é coordenado pelo MEC e atua por meio de convênios com instituições de alfabetização de jovens e adultos. Propõe uma alfabetização com projeto pedagógico e formação de alfabetizadores, por conta dos parceiros, responsabilizando-se pelos recursos aos projetos. A idéia do Governo Federal consiste em aproveitar e incentivar experiências já existentes.

3. AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM

A autoestima é um dos fatores de ordem interna que motivam o adulto para a aprendizagem, juntamente com satisfação, qualidade de vida, etc., pois

é fruto de interação social que propicia o acesso à cultura através da troca de experiências, de informações, ou seja, o fortalecimento do vínculo resulta em aprendizagem. A autoestima é como o indivíduo se sente diante da avaliação que faz de si mesmo. Portanto, um constituinte afetivo do auto-conceito. Refere-se ao modo do indivíduo interagir com o ambiente e consigo mesmo. É a responsável pela sua felicidade e pelos seus dramas. Quem tem boa autoestima gosta e confia em si mesmo. É se sentir capaz de enfrentar a vida com mais confiança e otimismo. É ser mais criativo em tudo o que faz e sentir prazer diante de suas realizações.

Tudo isso deve ser cultivado desde a infância, amando e desejando a criança desde a sua concepção e proporcionando-a um ambiente afetivo e confiável (família, escola, amigos), pois as emoções contidas nesse ambiente farão com que as emoções do indivíduo se manifestem de forma decisiva para a boa interação do grupo social. Assim, a criança se tornará um adulto que se vê como digno de receber e dar amor para que não tenha problemas de relacionamentos, que reconhece seu valor e suas potencialidades. Logo, não se deixa abater pelas referências negativas externas. Amar é a peça-chave na construção da autoestima.

Todas as pessoas almejam algo de bom. Provavelmente o sentido da felicidade, por ela ser subjetiva, seja particular e única para cada ser humano. Muitos fatores podem ser considerados como pilares para que alguém seja feliz, deve haver uma certa unanimidade em temas como saúde, escola, realização profissional, experiências afetivas e positivas. Uma das condições para se conseguir o bem-estar satisfatório consigo e com os outros é a autoestima. (KHOURY,2009, p. 2).

A autoestima é um elemento fundamental quando se fala em aprendizagem, a partir do momento que influencia o sujeito aprendiz, impulsionando-o para novos desafios. No processo de aprender, uma longa caminhada precisa ser percorrida, pois uma metodologia que contemple a autoestima não é conquistada apenas com elogios, é fruto de uma reestruturação de práticas de concepções, a começar dos próprios educadores.

É importante lembrar que o professor poderá contribuir no resgate da autoestima dos seus alunos, ao estabelecer os emocionais com o aluno adulto e a empatia e afeto motive-o a buscar novas conquistas pois, quanto maior a autoestima, maior é a sua criatividade.

A aprendizagem é um processo contínuo de aquisição de conhecimentos. Resulta do ambiente de vínculo, que se dá, em grande parte, por meio da linguagem, que organiza, articula e orienta o pensamento e transmite informações produzidas. Tal interação depende, para a realização do conhecimento, da percepção, que organiza as informações sobre o objeto obtidas através dos órgãos dos sentidos e da inteligência, que possibilita o sujeito transformar as informações organizadas em conhecimento. O resultado é a mudança da condição do indivíduo que adquire o conhecimento. O homem que aprende mais, amplia seu ponto de vista a respeito do mundo e de si mesmo. Assim, ele participa da transformação do mundo.

Aprendizagem é fenômeno do dia-a-dia que ocorre desde o início da vida. A aprendizagem é um processo fundamental, pois todo indivíduo aprende e, por meio deste aprendizado, desenvolve comportamentos que possibilitam viver. Todas as atividades e realizações humanas exibem os resultados da aprendizagem. (PORTO, 2009, p. 42).

Durante o processo de aprendizagem, a mente acompanha o desenvolvimento emocional. Caso contrário, resulta na dispersão do aprendiz. Por isto é importante despertar a afetividade do aprendiz para tornar o processo ensino-aprendizagem mais eficaz. Perceber as habilidades dos aprendizes fortalece seu autoconceito e torna-o confiante para realizar tarefas. Se o mesmo tem um baixo auto-conceito, os novos desafios parecem-lhe tormentos, pois se acha incapaz de realizá-los.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA

4.1 CARACTERIZAÇÃO E TRAJETÓRIA NO CAMPO DE ESTÁGIO

A Escola Municipal Amaro da Costa Barros está localizada na rua Manoel Porto s/n, no bairro de Santa Rosa, no município de Campina Grande –

PB, tendo a sua frente voltada para o oeste, as laterais limitam-se com as ruas Damasco, Yoyo Cavalcante, a leste com a Escola Municipal Almeida Barreto. Foi construída em um terreno baldio que, segundo antigos moradores, pertencia à prefeitura municipal.

O bairro de Santa Rosa compreende, segundo dados do IBGE (censo demográfico de 2010), uma população total de 10.735 habitantes, distribuídos em 5.059 homens e 5.676 mulheres. Do número total de habitantes, 8,1% possuem mais de 65 anos.

A escola foi nomeada pelo então Prefeito Ronaldo Cunha Lima, em homenagem ao amigo Amaro da Costa Barros, e foi inaugurada no dia 21 de setembro de 1988. A primeira diretora foi Maria Madalena Ramalho Pereira, a qual recebeu a portaria para exercer o cargo no dia 19 de março de 1989.

O comerciante Amaro da Costa Barros (1919-1985) era casado com a Sra. Maria de Farias Barros e deixou seis filhos. Foi sócio comunitário do bairro de Santa Rosa e líder político do PMDB.

O grupo escolar Amaro da Costa Barros em 2001 passou a se chamar Escola Municipal Amaro da Costa Barros. Atualmente, a escola é composta por uma equipe técnica que dispõe de três assistentes sociais, dois psicólogos, um diretor e um adjunto, um supervisor, três secretários, além de contar com uma equipe de apoio composta por seis membros que prestam serviços de alimentação, serviços gerais de limpeza e vigilância.

Embora a escola não mantenha nenhum convênio com nenhuma instituição de ensino superior, ela se disponibiliza para campos de estágio para cursos de graduação referente ao segmento educacional, e no momento a escola dispõe de uma equipe de 06 alunos da UEPB, estagiando na modalidade gestão escolar e uma equipe de 04 alunos da UEPB, estagiando na área de Serviço Social no turno noite.

À noite funciona o 1º ciclo inicial, 1º ciclo final e 2º ciclo final nos quais, estão matriculados 76 alunos, com a faixa etária entre 15 a 73 anos. Neste sentido, atentamos para a importância da realização do presente projeto, visto

a relevância social sobre o tema autoestima na terceira idade. A temática é extremamente atual, é de importância para crianças, adolescentes, mulheres e homens, idosos, independente do nível social, econômico, religioso ou cultural dos envolvidos.

A relevância da temática também se relaciona aos dados mundial sobre a população que está envelhecendo. No Brasil também não é diferente, segundo dados do IBGE (2010) as pessoas com 65 anos ou mais, a nível nacional era 4,8% em 1991, passou a 5,9% em 2000 e chegou a 7,4% em 2010. No Nordeste essa faixa etária representa 10,2% e na Paraíba 438 mil, que representa 11,6% do total da população paraibana. Um dos problemas que a terceira idade enfrenta é a depressão ocasionada pela baixa estima.

Segundo o Ministério da Educação e Cultura (2008), a Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade da educação básica designada aos jovens e adultos que não tiveram acesso ou não concluíram os estudos no ensino fundamental e no ensino médio. De acordo com as orientações Técnicas do MEC para o ingresso no programa educacional:

A idade mínima para ingresso na EJA é de 15 anos para o ensino fundamental e 18 anos para o ensino médio. A EJA, na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, é ofertada por meio de cursos presenciais e a distância. Há, ainda, os exames oficiais de certificação – ENCCEJA (Ensino Fundamental) e ENEM (Ensino Médio) ofertados pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2008, p.37).

Neste caso, entende-se o espaço escolar como um local no qual se buscará desenvolver o exercício social, tanto no sentido educacional para aproximação da cidadania, quanto em relação à saúde para uma proteção física. Dessa forma, as ações desenvolvidas devem estar pautadas na ampliação do acesso as informações sobre bem estar como, no fortalecimento de vínculos que possam conscientizar de maneira educativa. Sendo assim a escola é um espaço no qual se pode desenvolver trabalhos educativos para o exercício humano.

Dessa forma, a educação se constitui como verdadeiro que fazer(sic) humano. Educadores-educandos e educandos-educadores. Mediatizados pelo mundo exercem sobre ele uma reflexão cada vez mais crítica inseparável de uma ação cada vez mais crítica. (FREIRE 1997, p.17).

Com o passar dos séculos, o espaço escolar veio possibilitar a democratização do acesso à informação, promovendo o redimensionamento do poder na relação entre aluno e professor. Na atualidade é visível um novo paradigma que determina a troca de experiências, permitindo a escola o dever ensinar o aluno a buscar a informação.

E ao abordar uma temática real, o aluno percebe que há vários conhecimentos necessários para dar conta de um determinado assunto. E isso gera um ganho motivacional muito grande. Como em todo processo de descoberta.

Ações Desenvolvidas

Quando iniciamos nosso estágio na escola supracitada, percebemos em alguns alunos as características de baixa autoestima, tristeza, abandono, carência, alguns se sentiam como um peso para a família, sendo suportado devido ao dinheiro da aposentadoria ou benefícios recebidos. Jovens e adultos cujos sonhos e desejos não puderam ser realizados.

Ao convivemos e ouvimos histórias e depoimentos de vida, algumas situações nos provocaram para desenvolvermos um trabalho onde os alunos pudessem ter atividades que proporcionassem momentos alegres, de participação, de produção a fim de desempenharem papéis que melhorassem seus relacionamentos e se sentissem mais participantes e motivados a estudar, com o desenvolvimento e resgate da autoestima.

Com o tempo, percebemos a importância de ter momentos para compartilhar as tristezas e a sensação de impotência diante de indivíduos que sofrem a exclusão da sociedade ou até mesmo da própria família. Para alguns a escola é um refúgio, alguns a frequentam apenas para não ficarem sozinhos em casa. “É muito bom vir para a escola, melhor do que ficar sozinha em casa sem fazer nada.” (Depoimento de uma aluna)

O sonho de voltar a estudar vira realidade quando voltam a frequentar a escola, mostrando nitidamente a alegria de estarem participando da escola, já que não tiveram essa oportunidade quando jovens. Foi ouvindo as mulheres que frequentam a sala de aula que pudemos registrar com maior propriedade,

depoimentos sobre a importância da escola e sua relação direta com a autoestima.

Como expõe Freire, (1996, p.144-145):

Lido com gente e não com coisas, não posso fechar-me a seu sofrimento ou a sua inquietação porque não sou terapeuta ou assistente social. Mas sou gente. Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma em que os sentimentos e as emoções, desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista.

Sendo possível observar através de um questionário aplicado na escola Amaro da Costa Barros, com os ciclos 1º e 2º, dentre algumas das questões foi feita a pergunta: O que a escola trouxe de bom para sua vida? Muitos responderam que foi a troca de experiências, aprender novas coisas e as amizades conquistadas.

Realizamos atividades que desenvolvessem interação entre os alunos e conseqüentemente elevação de autoestima, algo simples, mas bastante funcional. Num primeiro momento fizemos exposição do tema abordado, a autoestima, com uma palestra interativa e em seguida uma dinâmica que fortificasse os laços de amizade onde cada participante ressaltasse uma qualidade de um amigo da sala de aula.

Em um segundo momento, desenvolvemos atividade com apresentação de um curta-metragem sobre histórias cotidianas, ressaltando a importância das histórias vividas e da felicidade encontrada nas pequenas coisas. Após a exibição fizemos uma roda de conversa para que os alunos contassem fatos de sua vida que lhe trouxeram alegria. Momento este muito produtivo e bastante prazeroso.

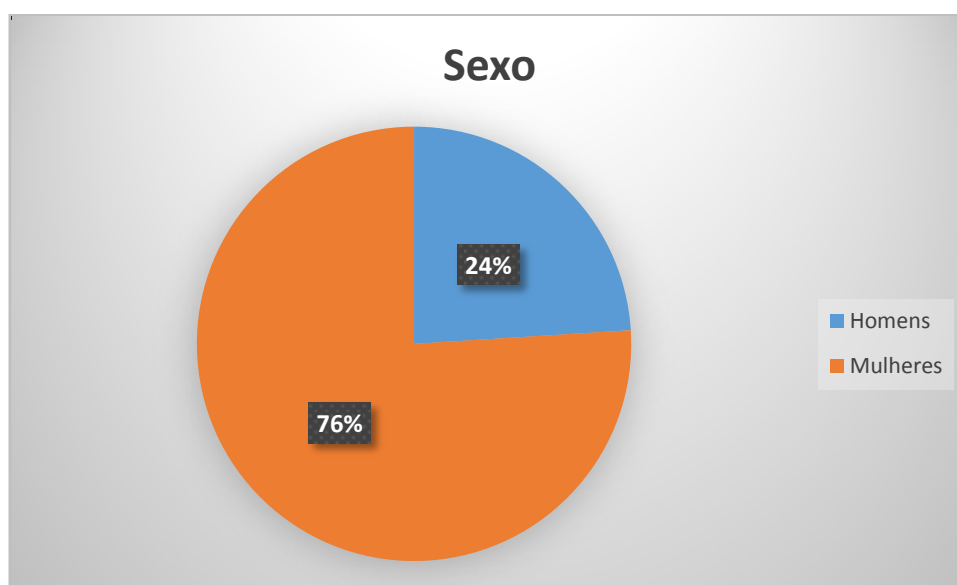
É fundamental desenvolver o domínio das linguagens, do corpo; trabalhar em conjunto; compartilhar conhecimento; gerenciar coletivamente a informação; aprender a solucionar problemas através de uma visão crítica.

Conhecimento é algo social; a informação pode ser adquirida solitariamente, mas o conhecimento com significado social só existe na relação com o outro.

4.2 PERFIL DOS ALUNOS

Para melhor conhecimento dos alunos, realizamos um levantamento para conhecer os alunos da Educação de Jovens e Adultos. Assim, buscamos dados referentes ao sexo, faixa etária, renda e estado civil e suas opiniões sobre a Escola junto a 25 alunos, ou seja 32, 89% do total de alunos, mostrados nos gráficos a seguir:

Gráfico nº1



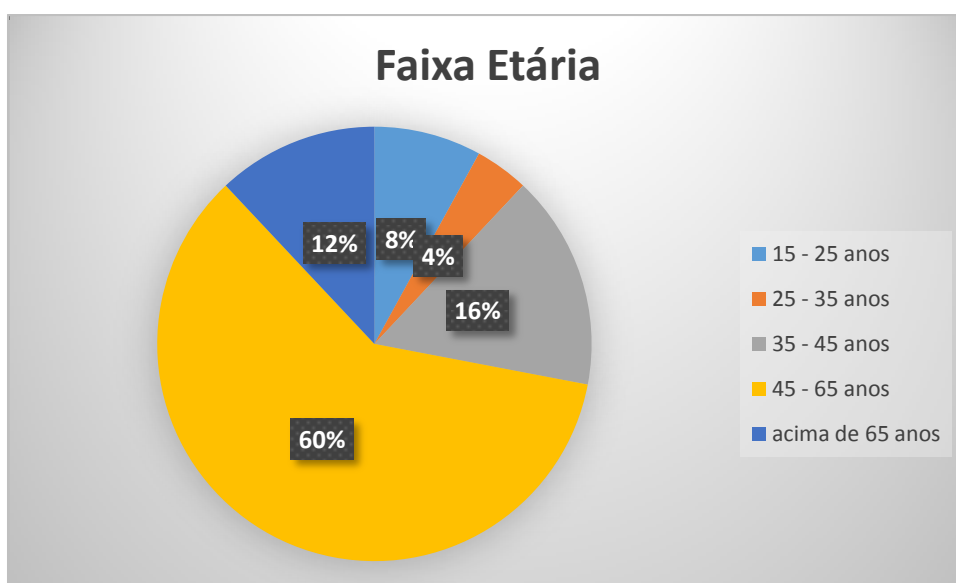
Fonte: Pesquisa na Instituição

O gráfico 1 demonstra que o público feminino é superior ao masculino, com valores de 76% e 24%, respectivamente. Dado frequente em turmas de Educação de Jovens e Adultos.

[...] por tradição histórica, a mulher teve sua existência atrelada à família, o que lhe dava a obrigação de submeter-se ao domínio masculino, seja pai, esposo ou mesmo o irmão. Sua identidade, segundo esses estudos, foi sendo construída em torno do casamento, da maternidade, da vida privada-doméstica, fora dos muros dos espaços públicos. E por essa

tradição, construída historicamente, a mulher se viu destituída de seus direitos civis. Não podia participar de uma educação que fosse capaz de prepará-la para poder administrar sua própria vida e de ter acesso às profissões de maior prestígio. Assim, por um longo período histórico, a família, a igreja e a escola, elementos inerentes a esse processo, enquanto instituições vão sustentar esse projeto moralizador, tutelando a mulher ao poder econômico e político do homem brasileiro (FERREIRA, 2007, p. 15).

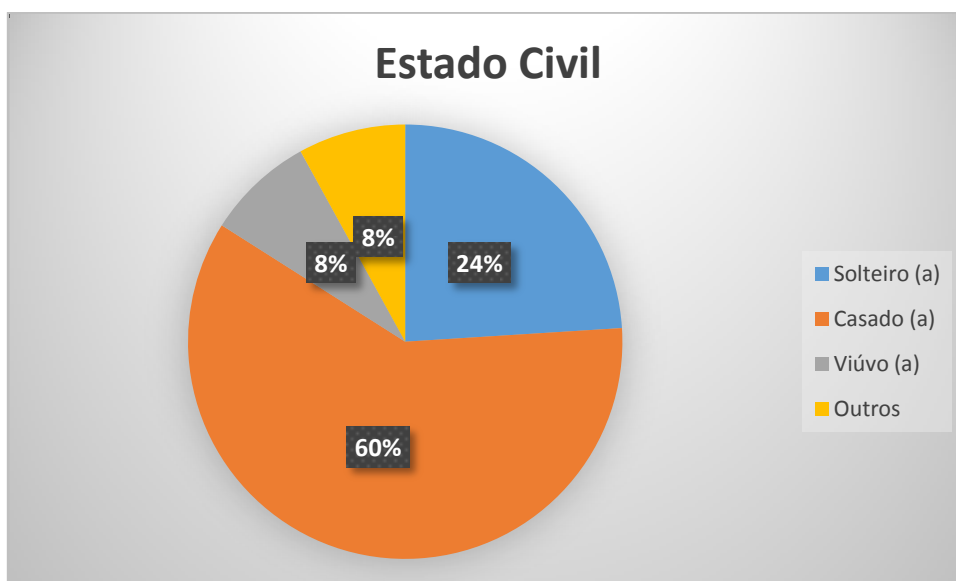
Gráfico nº 2



Fonte: Pesquisa na Instituição

O gráfico 2 apresenta a faixa etária dos alunos. Podemos observar uma diversidade referente à idade dos alunos, desde adolescentes até idosos, mas o maior percentual, 60%, dos alunos têm idade entre 45 e 60 anos. Segundo os mesmos, está é a idade de começar de novo, de aproveitar para viver e fazer o que sempre tiveram vontade. Pois nesta idade não se encontram “desculpas” como, por exemplo, cuidar de filhos pequenos.

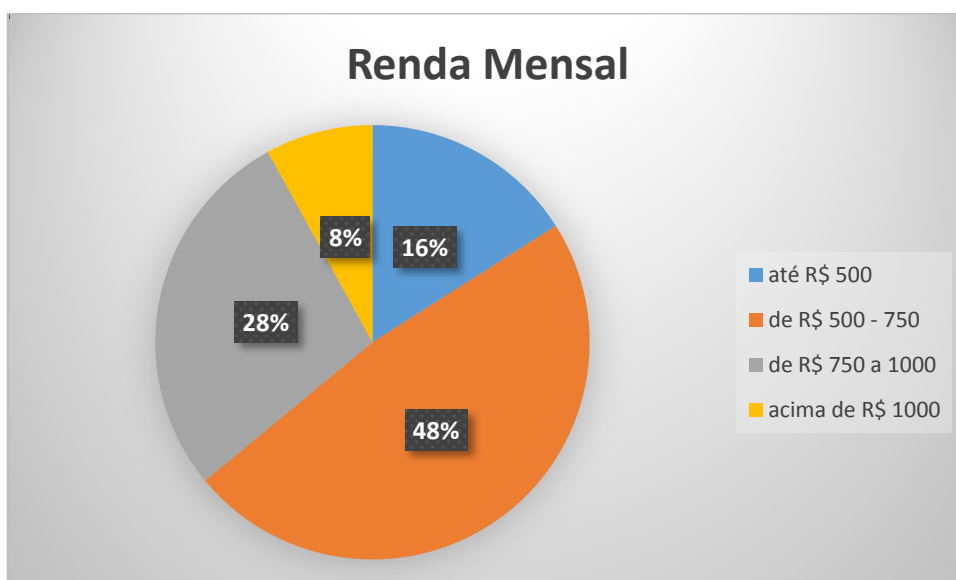
Gráfico nº 3



Fonte; Pesquisa na Instituição

Conforme o gráfico 3, dos alunos entrevistados, 60% são casados, geralmente um cônjuge incentivado pelo outro. Os solteiros representam 24% e os viúvos 8%.

Gráfico nº4



Fonte: Pesquisa na Instituição

Este gráfico apresenta a renda mensal dos alunos entrevistados. A maioria dos alunos, 48% possuem renda de R\$ 500,00 a R\$ 750,00 reais, 28%

possuem renda de R\$ 750,00 a R\$ 1000,00, 16% renda de até R\$ 500,00 e 8% possuem renda acima de R\$ 1000,00. Esta baixa renda é reflexo da baixa escolaridade que não oferece oportunidades de empregos melhores. Os que possuem renda de acima de R\$ 750,00 são os casados que a renda mensal é a junção da renda dos cônjuges.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto no breve histórico sobre a EJA, essa modalidade sempre esteve vinculada a interesses políticos e econômicos. Vimos também, que, em 1947 o ensino de adultos era similar ao da criança, e isso só foi mudado quando surge o trabalho de Paulo Freire, pois este considera a experiência de vida dos educandos e os respeita como sujeitos de sua aprendizagem. Mas as ideias dele foram derrubadas com o golpe militar de 1964 e surge o MOBRAF que, de certa forma, continua tratando os adultos como crianças, sem uma metodologia apropriada para esse educando.

Foi possível observar que, em quase todos os momentos da história da educação de adultos no Brasil, a metodologia não era relevante, por isso alfabetizava-se com materiais didáticos infantilizados. Infelizmente, ainda hoje, é possível observar isso nas salas de aula, onde a metodologia utilizada nem sempre é a adequada a esses alunos, mesmo sabendo que a aprendizagem do adulto é diferente da aprendizagem da criança.

Ao pensar em EJA, devem-se considerar as diferenças de cada educando e seus conhecimentos adquiridos ao longo da vida, para que haja realmente uma aprendizagem significativa, e não apenas uma memorização de fatos ou outros dados que são ensinados pelo educador.

Considerando o perfil dos alunos da EJA, público este que sofre muitas carências de ordem socioeconômicas e devido à escolarização tardia, sentem-se inferiores, desconhecendo seu próprio valor como pessoa, espera-se ter despertado reflexões, haja visto que a autoestima é um elemento fundamental no processo do aprender, podendo realizar-se através das relações interpessoais, para que o aluno adulto sintam-se motivado a buscar novas conquistas.

É possível entender que a importância da autoestima vai para além da escola, por se tratar de uma necessidade humana tão crucial como a capacidade de se ver como merecedor de felicidade. Certamente haveria uma melhor qualidade de vida se a sociedade se voltasse ao fortalecimento da autoestima, pois quem respeita a si mesmo sabe valorizar a importância do outro.

Ao voltar para a sala de aula os alunos sentem-se de bem com a vida, estão dispostas a estudar e recuperar o tempo em que se dedicaram exclusivamente ao trabalho e à família fazendo com que se sintam participativos e atuantes na sociedade, mudando a visão de que estarem em sala de aula não é um favor ou mero assistencialismo, mas sim um direito, voltado para o avanço e inclusão do aluno. Assim, a EJA precisa reavaliar os caminhos que tem seguido para então buscar uma metodologia adequada a esse público. É preciso mudar, essas mudanças são lentas, mas necessárias.

6. REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão: alfabetização e cidadania.** SP : RAAAB, n. 11, abril, 2001.

BRASIL. **Parecer CNE 11/2000: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** Brasília: Câmara de Educação Básica, 2008. Acessado em 17 agosto de 2014.

CHALITA G. **Educação: a solução está no afeto.** São Paulo: Gente, 2001.

FERREIRA, M. J. de R. **Escolarização e gênero feminino: um estudo de caso no EMJAT/CEFETES.** 2007. 98 f. Monografia (Especialização). Curso de Especialização do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos. CEFETES, Vitória, 2007.

FREIRE, P. **Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 22 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez/ Autores Associados. 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 15 de outubro de 2013.

KHOURY K. **Com a corda toda**: autoestima e qualidade de vida. 5 ed. São Paulo: Senac; 2009.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia institucional**: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. Rio de Janeiro, 3ª edição, Wak editora, 2009.

SOARES, Leôncio. **Aprendendo com a diferença**: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos: Rio de Janeiro: Autêntica, 2001

_____. **Educação de jovens e adultos**: diretrizes curriculares nacionais. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.